

GT03 - Inclusão escolar: formação docente e desafios para implementação.

**ENSINO-APRENDIZAGEM DA CRIANÇA COM TEA NO CONTEXTO
ESCOLAR.**

Ana Maria Alves Neta
Universidade Regional do Cariri (URCA)
aninhaalvesnet@gmail.com

Marta Janoca de Araújo
Universidade Regional do Cariri (URCA)
martajanoca@yahoo.com.br

Célia de Jesus Silva Magalhães
Universidade Regional do Cariri (URCA)
celiamagalhaesmv@yahoo.com.br

RESUMO: Este trabalho tem como objeto de estudo a aprendizagem da criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA), e tem como principal objetivo analisar metodologias de ensino-aprendizagem voltada para crianças com TEA, descrito pela literatura, tendo como teóricos, Orrú, S. E.(2012), Mantoan (2015), Oliveira (2016), Vale E. A. S.; Monteiro, J. H. S.; Lira, M. V.(2018), dentre outros. Dessa maneira, espera-se analisar as ferramentas que proporcionam apoio didático aos educadores que contemplem pessoas com TEA, além de analisar como se encontra a realidade de ensino voltada para estudantes com esse perfil mediante a percepção de seus educadores.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista. Ensino. Metodologia didática.

1. INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) está relacionado ao déficit no desenvolvimento das habilidades de comunicação social, contemplando as dificuldades da criança diante dos processos interativos sociais. Esse transtorno denominado como síndrome,

apresenta em seu diagnóstico três principais marcadores: dificuldade de interagir através da linguagem e o uso da imaginação para lidar com jogos através de símbolos; dificuldade de interação com outras pessoas; e presença de gestos repetitivos, acompanhados por comportamentos restritivos.

Apesar das complicações pelos comportamentos que repercutem nos meios de interação social, os indivíduos com TEA têm direito a equidade de ensino, e garantia da qualidade na educação. As dificuldades de alunos com TEA matriculados no ensino regular é constante, contudo é preciso permitir o acolhimento pela escola e educadores através de ações capazes de realizar a inclusão desses alunos.

Além das dificuldades impostas pelo autismo, a relação aluno-educador sofre interferências quanto ao processo de capacitação do professor e do próprio ambiente escolar. Não é incomum à realidade nacional apresentar escolas despreparadas para acolhimento de pessoas com deficiência, caracterizando-as com reduzida motivação à busca de capacitações de seus profissionais voltadas à educação especial.

Dessa forma, ao analisar esse contexto surge indagações necessárias de serem estudadas e exploradas: existem ferramentas metodológicas que aprimoram os processos de ensino voltadas a estudantes com déficits de aprendizagem, em especial às crianças com TEA? Como os professores e a própria escola acolhe e ensina os alunos autistas? Estes estão preparados para o ensino inclusivo?

Este trabalho tem como objetivo conhecer as metodologias do ensino-aprendizagem voltadas para os discentes com Transtorno do Espectro Autista (TEA), assim como analisar o comportamento da escola e do educador mediante a aplicação de suas metodologias de ensino direcionadas a estudantes com esse perfil.

A escolha dessa pesquisa deu-se pela curiosidade e interesse em analisar a atuação didática de professores frente a alunos com TEA, ao encontro da observação das possíveis ferramentas de inclusão utilizadas pela escola, assim como a descrição dos aspectos que contribuem ou interferem no ensino.

Essa pesquisa apresentará metodologia de valor qualitativo. Haverá dois momentos: primeiro momento será realizado através do levantamento bibliográfico, focalizando as práticas pedagógicas direcionadas a discentes com TEA; o segundo momento será através da aplicação de entrevistas a educadores, a fim de identificar seus métodos de inclusão voltados ao aluno autista para o ensino regular; além de identificar quais são os meios que a instituição de ensino disponibiliza ao educador para desenvolvimento de didáticas inclusivas. A pesquisa de campo está em andamento, portanto, neste trabalho vamos expor apenas a pesquisa bibliográfica.

O processo metodológico envolverá o cruzamento dos descritores: transtorno do espectro autista (TEA) e metodologias de ensino inclusivas no contexto escolar, aplicando-os nas bibliotecas virtuais para busca de artigos; como também a seleção de livros que compreendam os objetivos da temática.

Os critérios de inclusão serão educadores de instituições de ensino regular da cidade de Missão Velha, CE, da rede pública e privada, das zonas rural e urbana, em que dentre seus contingentes de alunos apresentem pessoas com TEA.

Os critérios de exclusão serão: educadores que se recusem a assinar os termos de consentimento livre esclarecido e pós-esclarecidos; assim como instituições de ensino não regular.

2. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Segundo Sertié e Oliveira (2017) o Transtorno de Espectro Autista (TEA) é uma síndrome que afeta extensões do encéfalo, onde prejudica o desenvolvimento da fala e a interação social, trata-se de uma doença genética heterogenia, com ocorrência maior em homens que em mulheres. A criança não tem interesse para interagir com as outras pessoas, apresenta dificuldades na aprendizagem, entre outras tarefas diárias; dessa maneira a criança com TEA apresenta como uma das características o isolamento social (VALE et al. 2018).

Apesar das dificuldades enfrentadas por pessoas que apresentam TEA, estes possuem capacidade para aprender e desenvolver atividades comuns a pessoas sem deficiências (Orrú, 2012). Kenner, citado por Orrú (2012), analisou onze crianças com autismo extremo, na qual elas apresentavam inteligência e possuíam habilidades especiais, além de uma boa memória. Portanto, é possível manter a relação de ensino e aprendizagem, usando-se das ferramentas corretas para atrair a atenção desse público.

A lei nº 12.764 de dezembro de 2012, conhecida como a “Lei Berenice Piana”, diz respeito aos direitos da pessoa com TEA, onde estabelece que a pessoa autista tem o direito a educação comum a todos os cidadãos, devendo-se usufruir de metodologias que ofereçam equidade de ensino (VALE, 2018).

A inclusão para Mantoan (2015), trata-se da não exclusão de indivíduos da sociedade mediante a suas dificuldades em adaptar-se, mas assegurando-lhes espaços que lhes darão acessibilidade para o convívio social, e assim o ambiente escolar é forte incentivador para o processo de acolhimento, utilizando-se de instrumentos que garantirão o aprendizado a pessoa

com deficiência. Ainda afirma que, a inclusão no Brasil apresentou melhoras, uma vez que pessoas com TEA frequentam o ensino regular.

Apesar de no Brasil crianças com TEA frequentarem o ensino regular, é preciso atentar-se se é efetivo o processo de ensino e aprendizagem. Para Allison et al. (2009), a inclusão refere-se à participação ativa em atividades escolares que a rede de ensino proporciona. O projeto TEACHH (Treatment and Education of Austistic and other Communicatively handicapped Children), criado em 1960 por Eric Schopler é o primeiro programa criado pelo governo estadual de Carolina do Norte com objetivo de focar nas dificuldades das crianças com TEA, elaborando atividades em cima das habilidades apresentadas pelo aluno, levando-lhes a adaptação e consequente independência (ALLISON, 2009).

O projeto utiliza-se de ferramentas simples, como por exemplo materiais visuais que chamem atenção e facilitem para marcar a hora de início de uma determinada atividade e a finalização da mesma. A separação de cada espaço na sala de aula para executar cada atividade faz com que o estudante teste as suas habilidades fazendo com que cada um desenvolva as suas faculdades (ALLISON, 2009).

Segundo Sousa (2015), os professores ao relatarem sobre o tema inclusão sentem-se despreparados em suas vivências frente ao aluno que apresentam necessidades especiais. Apresentam dificuldades ao lidar com alunos autistas, pela falta de suporte para compreensão dos mecanismos que rodeiam essa deficiência. Essa situação de despreparo priva o aluno autista do aprendizado, falhando na oferta do conhecimento, podendo ser considerados como “invisíveis” em sala de aula, uma vez que não existem recursos para envolvê-los aos conteúdos, perdendo assim o conceito de inclusão.

O mesmo autor, citado no parágrafo anterior, declara que as dificuldades dos professores ocorrem pela falta de treinamento, não disponibilizado pelo governo, nem escolas preparadas para suportar uma educação inclusiva, diante de todos aspectos da acessibilidade. Assim, as autoridades governamentais em educação devem atentar-se para o processo de construção de métodos inclusivos nas escolas, iniciando por capacitações de educadores, melhorar a estrutura de ensino, com oferta de matérias didáticos que façam parte da pedagogia de ensino.

Segundo Silva e Arruda (2014) algumas escolas creem e focalizam apenas no objetivo de cuidar por uma boa alimentação, e que mantenham em segurança os que ali convivem, tornando o papel da escola semelhante ao papel da mãe, fazendo do professor e aluno ligações afetivas. Contudo, é preciso ir além dessa visão, transformar o ambiente escolar em

referência para o processo inclusivo, atendendo ao acolhimento das dificuldades dos alunos e levando-lhes respostas e caminhos para integração ao meio social (SILVA, 2014).

Silva (2014) defende o trabalho diferenciado onde foque na construção da autonomia e segurança do indivíduo. Com isso o professor deve estar sempre atento as informações obtidas dos seus alunos, dos familiares próximos, para a compreensão do TEA e assim entender o comportamento de cada aluno autista. Ao se planejar para as suas aulas o professor deve fazer uma reflexão no que tem domínio e de como transmitirá esse conhecimento, ao entender o mundo que rodeia o autista, a interação professor-aluno será mais vantajosa à medida que o professor utilizar ferramentas que facilitem a sua entrada ao espaço criando pelo estudante.

Silva (2014) ainda afirma que a escola precisa repensar em formas que acolham e facilitem o processo de inclusão para esses indivíduos com TEA, porém é necessário observar o profissional, visto que dependerá bastante dele o processo de inclusão, pois é o educador que procura desenvolver trabalhos diferenciados, mesmo que por vezes lhes falte capacitações e recursos. Afirma ainda que, a capacitação de educadores, proporcionem mudanças positivas para a inclusão, assegurando a equidade de ensino.

As ferramentas utilizadas para a entrevista serão: gravador, papel, caneta, prancheta.

Os resultados da pesquisa de campo estão em andamento, tendo em vista que os dados não foram consolidados, porém, esta pesquisa nos trouxe uma importante reflexão sobre a aprendizagem das crianças com TEA, que dependem muito da formação do professor e dos recursos didáticos utilizados, que ainda se apresentam de forma limitada, mas que precisam de inovações e estudo para as necessárias adaptações das atividades.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A aprendizagem das crianças com TEA apresenta limitações, principalmente, devido à falta de formação de professores e de ferramentas de aprendizagem que sirvam de recursos pedagógicos para facilitar o ensino-aprendizagem. Como vimos, ao estudarmos os teóricos, os professores sentem-se despreparados para atuar como professor nas salas que tem matrícula de alunos com deficiência, principalmente de alunos com TEA.

Um agravante na aprendizagem do aluno com TEA, é o próprio contexto escolar em que o aluno está inserido, que além de faltar as adaptações necessárias de acessibilidade, a comunidade escolar não tem o conhecimento necessário para que o aluno se sinta parte da

escola, até porque ele vai transitar em todos os espaços da escola e não apenas na sala de aula. Desta forma todos os funcionários e professores precisam ter conhecimento de como lidar com aquela criança que apresenta determinada deficiência.

A aprendizagem do aluno com TEA precisa de uma atenção maior e as atividades precisam de adaptações, tendo em vista que os livros didáticos utilizados nas escolas ainda não têm esse recurso.

A escola precisa repensar formas eficientes que acolham e facilitem o processo de ensino aprendizagem das crianças com TEA, e o professor é o principal protagonista da melhoria na aprendizagem do aluno, pois é ele que vai desenvolver trabalhos diferenciados, mesmo que por vezes lhes falte capacitações e recursos. Vale ressaltar que o mediador na sala de aula para facilitar o uso das atividades adaptadas para crianças com TEA é muito importante, para complementar o processo de aprendizagem.

REFERÊNCIAS

ALLISON, S. E.; BALL, S. A.; BALON, R. et al. **Tratamento dos Transtorno Psiquiátricos**. 4 ed. São Paulo: AGE – Assessoria Gráfica e Editorial. 2009.

BRASIL. LEI Nº 12.764, DE 27 DE DEZEMBRO DE 2012. Regulamento. Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. **Diário Oficial da União**. Brasília, 27 de dezembro de 2012; 191^a da Independência e 124^a da República.

MANTOAN, M. T. G. **O que é? Por quê? Como Fazer?**. 1 ed. São Paulo: Summus, 2015.

OLIVEIRA, K. G.; SERTIÉ, A. L. Transtornos do espectro autista: um guia atualizado para aconselhamento genético. **rev. einstein**. v. 15. n. 2. p. 233-8. 2017.

ORRÚ, S. E. **Autismo, linguagem e educação**. 3 ed. Rio de Janeiro: WAK, 2012.

SILVA, A. P. M.; ARRUDA, A. L. M. M. O Papel do Professor Diante da Inclusão Escolar. **Revista Eletrônica Saberes da Educação**. v 5. n. 1. 2014.

SOUSA, M. J. S. Professor e o autismo: desafios de uma inclusão com qualidade. Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano – PED. **Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde – PGPDS**. 2015.

VALE, E. A. S.; MONTEIRO, J. H. S.; LIRA, M. V. **Guia de Informações sobre Transtorno do Espectro Autista**. 1 ed. Fortaleza-CE: INESP, 2018.